

Estrangeiros buscam pesquisas inéditas no país

RICARDO JÚLIO

Da Sucursal de Brasília

Mesmo com os baixos salários e as condições precárias de trabalho no Brasil, dezenas de pesquisadores estrangeiros têm se fixado no país. Eles vêm de países desenvolvidos à caça de investigações científicas inéditas, a fim de alcançarem alguma projeção no mundo da ciência. Além disso, procuram uma maior autonomia de trabalho, fugindo do esquema das grandes equipes de pesquisa do exterior.

O arqueólogo alemão-ocidental Klaus Hilbert, 36, que ingressou no Museu Emílio Goeldi (Pará) em 88, justifica sua vinda dizendo que "o campo é totalmente novo". Segundo ele, "a Europa já está muito pesquisada". Hilbert estuda as primeiras ocupações humanas na Amazônia.

Essa motivação é semelhante à do físico britânico Robert Clemesha, 54, do Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe), em São José dos Campos. Clemesha pesquisa as altas camadas da atmosfera. Segundo ele, "há pouca gente" se dedicando à mesma atividade nesta parte do globo.

Clemesha também destaca a vantagem de não estar submetido, no Brasil, às grandes equipes de trabalho existentes na Europa e Estados Unidos. No país, ele pode se dedicar a um projeto "mais pessoal" de pesquisa. A mesma vantagem foi encontrada pelo físico peruano Walter Gonzales, 44, também do Inpe, que chegou ao Brasil em 1969. Ele veio compor a primeira equipe de estudos da magnetosfera (campo magnético da terra) existente no país. Gonzales afirma que foi atraído pelo desafio "profissional

e humano" de participar da implantação dessa equipe.

Já o agrônomo holandês Johannes Van Leeuwen, 47, ligado ao Instituto de Pesquisas Amazônicas (Manaus), destaca como incentivo para sua atuação no Brasil o acesso que o estrangeiro tem ao fluxo de informações e decisões do instituto de pesquisa. Segundo ele, o mesmo não ocorre em países como Moçambique, onde o pesquisador estrangeiro é visto como um "marginal" pela ordem política interna.

A maior parte dos pesquisadores estrangeiros no Brasil vem da Europa Ocidental. Dos 225 que entraram no país entre janeiro e novembro de 89, 79 vieram de países do Mercado Comum Europeu, 48 dos Estados Unidos e Canadá e 12 da Europa Oriental. Os demais vieram de países da América Latina, Índia, China, Austrália e Israel. Dos países europeus, a maior fonte de pesquisadores para o Brasil foi a França, de onde vieram 44.

O salário de um estrangeiro contratado é o mesmo de um pesquisador brasileiro. Variava, em janeiro, de NCz\$ 17.185,34 a NCz\$ 63.462,29, de acordo com a graduação e o tempo de serviço. A remuneração dos bolsistas estrangeiros era de NCz\$ 36.541,00 a NCz\$ 52.150,00.

Fixação no país é cheia de obstáculos

Da Sucursal de Brasília

Há casos de pesquisadores estrangeiros casados com brasileiras que enfrentam uma série de obstáculos para tentar fixar residência no país. O agrônomo holandês Johannes Van Leeuwen, casado com uma advogada brasileira, ficou um ano sem trabalhar, esperando receber visto permanente, antes de ser contratado pelo Instituto de Pesquisas Amazônicas (Inpa) de Manaus.

Ele disse que o Inpa não tem dinheiro sequer para contratar um "peão" para a manutenção do viveiro de plantas. Mesmo assim, ele pretende continuar pelo menos por mais quatro ou cinco anos no país. A física francesa Dominique Spehler, casada com o biólogo Carlos Pereira, não conseguiu firmar um contrato permanente com a Universidade Estadual Paulista, pelo fato de ser estrangeira. Ela tem um contrato provisório de dois anos e permanece a maior parte do ano na França.

O pesquisador estrangeiro no Brasil, muitas vezes, acaba ficando no país através do casamento com cidadãos brasileiros ou pela existência de algum outro tipo de laço familiar. É o caso do físico britânico Robert Clemesha, do Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe), que passou pela Nigéria e Jamaica antes de se casar com uma brasileira e se fixar em definitivo no Brasil. Clemesha admite que o casamento foi um dos principais motivos de sua fixação.

A engenheira agrônoma chinesa (de Taiwan) Cherry Show Chen, também do Inpe, chegou ao Brasil acompanhando o marido Chen Yun Hoo, cuja família imigrou para o país na década de 60. Cherry considera o Brasil um país "pacífico e alegre". "Só não vai bem a política."